

5

Entre os produtos e os sujeitos, as mediações

Ao eleger como objetivo principal a investigação sobre as concepções de mídia e as principais *fontes de mediação* que contribuíram para que as mesmas fossem construídas entre os estudantes que participam do Movimento pela Democratização da Comunicação, estou partindo do princípio que os mesmos teceram representações sobre a mídia muito particulares, não comumente incitadas pelas estruturas institucionais da escola. São rarefeitos nas escolas públicas brasileiras o estudo das mídias e as chamadas práticas mídia-educativas, diferentemente de países como Inglaterra, França, Escócia, Argentina e Canadá. Esses países experimentam diferentes modalidades de mídia-educação - seja adotando-a com um perfil disciplinar obrigatório, como no Canadá; seja vestindo-a de um caráter transversal, como na Inglaterra e Argentina; institucional, como na França; ou misto, como na Escócia (Rivoltella, 2001).

No Brasil, quando muito, percebe-se a utilização da mídia como recurso didático, um suplemento instrumental para a dinamização das aulas, ilustração ou, mais recentemente, o aspecto produtivo que é possível alcançar com a utilização dos meios: a montagem do jornal escolar, do vídeo, do programa de rádio ou animações. Construir uma nova idéia de cidadania que abrace a democratização da comunicação como pressuposto e favoreça a formação do senso crítico em relação à mídia não tem tido um espaço garantido para a discussão. Da mesma forma, não é na grande mídia que esse tipo de debate é estimulado.

Sendo assim, como foram construídas as concepções de mídia por esses jovens universitários? Quais foram as principais fontes de mediação que atravessaram a vida de cada um deles, contribuindo para a formação de seus posicionamentos? Como atuaram as fontes de mediação no que diz respeito à ampliação da capacidade de crítica, auxiliando assim na decodificação das mensagens e no estímulo à participação desses jovens num movimento nacional? Barbero alerta que:

“A atividade de decodificação não é abordável diretamente, mas só através do reconhecimento das marcas que na leitura deixam certos processos que têm lugar num outro nível, no da “estrutura profunda”, isto é, na experiência vital e social desses grupos”. (2004:111)

Cônsua da dificuldade em se mapear o processo de decodificação engendrado por diferentes grupos, optei por estudar jovens a partir da participação num movimento social, como tentativa de me aproximar dessa ‘estrutura profunda’, mais visível, na superfície, nos poros desses jovens.

Estudar a partir das mediações é uma forma de endossar a postura metodológica que relativiza o poder dos meios. Ao trazer para a cena as discussões que são geradas nos diferentes contextos e grupos a partir das informações transmitidas, os movimentos sociais trazem como contrapartida a explicitação dessas respostas: estão na ação. Como teriam sido adquiridas as chamadas competências culturais para a recepção dos conteúdos da mídia? Por competências culturais Martin-Barbero entende os “*haveres, saberes e gramáticas que, constituídos na memória, medeiam a leitura dos diferentes grupos, e aos imaginários desde os quais projetam sua identidade (...)*” (idem:175)

É sabido que o recebimento das informações não é dado de forma linear, aceito de forma passiva por todos os que estão submetidos ao seu espetáculo - embora ainda haja resquícios dessa linha de pensamento que foi predominante nos anos 60. Enfatizar o papel das mediações caminha para reforçar não apenas a negação desse caráter apocalíptico como teoria, mas a busca de recorrências mediadoras que são capazes de levar à ação, principalmente no que diz respeito aos jovens.

O estudo das fontes de mediação prioriza como instrumento de pesquisa a utilização de, nas palavras de Barbero, um mapa “noturno” – daqueles que orientam os pilotos à noite - (2003:300), pois servem para o reconhecimento da situação a partir das mediações e dos sujeitos – são as brechas, o consumo e o prazer que ganham voz e se transformam em objeto de análise, e não as superestruturas tidas como onipotentes. Mapas “noturnos” correspondem a intuições, vislumbres e indicações (1995:42) percebidos pelo pesquisador. As margens são assumidas não como tema, mas como “enzima”. Esse mapa “noturno” pode permitir:

“(...) ao mesmo tempo, assumir as pluralidades de que estão feitos esses usos e estabelecer articulações entre as operações – de retorno, de rejeição, de assimilação, de refuncionalização, de novo projeto -, as matrizes – de classe, de território, de etnia, de religião, de sexo, de idade -, os espaços – o habitat, a fábrica, o bairro, a prisão – e as mídias – pequenos (micro) como o gravador ou a fotografia, assim também como o disco ou o livro, ou os grandes (macro) como a imprensa, o rádio ou a TV. Isso, porém, sem esquecer que, em todo caso, será um mapa “noturno”, isto é, cuja informação remeterá sempre mais àquilo que se intui e à experiência do que ao que se vê.”

(idem: 138)

Para Martin-Barbero, entre as lógicas de produção e as formas como os receptores lidam com o que é veiculado há um longo caminho, cheio de fissuras, zonas de tensão, fraturas, questionamentos e regurgitos. Há discussões. Se o modelo pensado originalmente na década de 60 entregava às lógicas de produção e aos formatos industriais a capacidade se atuarem como agulhas hipodérmicas - introjetando subcutaneamente o conteúdo desejado, sem direito à réplica ou ao grito – como dizia Laswell, para Martín-Barbero há uma série de forças em movimento. Maior peso recebem as matrizes culturais, pois segundo Martin-Barbero, os mediadores sociais são capazes de introduzir novos sentidos e novos usos sociais dos meios de comunicação de massa.

Antes de passar por um dos corredores da PUC-Rio, em outubro de 2004, eu nunca tinha ouvido falar na ENECOS – a Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social. Um cartaz divulgando a “II Semana Nacional pela Democratização da Comunicação” assinado pela entidade chamou minha atenção, pois apresentava uma série de atividades, incluindo debates, rádios-poste, exibição de vídeos, oficinas críticas à mídia e atos públicos em diferentes estados brasileiros - organizadas através de articulações entre os universitários e movimentos sociais variados.

Aquele cartaz assinado pela ENECOS me convidava a um lugar de pesquisa vivo e profundo, por simbolizar não os significados que a mídia veicula sobre os jovens, mas as construções de sentido de um grupo de universitários em relação a essa mesma mídia. O que me estava sendo oferecida era a possibilidade de poder migrar, tal como Martín-Barbero, “dos meios às mediações”, pois estudar a partir das fontes de mediações é uma forma de buscar as “teias de significado” (Geertz) que vão sendo tecidas pelos diferentes grupos. Nessa esquina, a busca pelas mediações faz coro à abordagem antropológica defendida por Geertz: que teias de significados estariam inscritas no grupo?

Milton Santos (1995) repara que “não se realizou nenhuma pesquisa especificamente sobre os discursos da sociedade civil, principalmente relativos à sua participação nas lutas pela democratização (da comunicação)”, lacuna que esse estudo tenta contribuir de alguma forma para preenchê-la. Os capítulos que ora seguem são frutos dessa busca semiótica, inscrita na cultura e desenhada pelo dia-a-dia desses estudantes universitários.